

Proprietario e director—Antonio Augusto Veiga

Redacção, Rua dos Ferradores, 5—OVAR

Redactor e Administrador—Manoel A. Correia

Administração—R. da Graça

—* OVAR *

... QUINZENARIO INDEPENDENTE

— Assignaturas —

Na villa, anno..... 500 reis
 Fóra da villa acrece o sello
 Numuro avulso... 10 reis

Annuncios convencionaes

Composição e impressão

Typ. «Ovarense»

—*RUA DA GRAÇA*

OVAR

JORNAL HUMORISTICO, LITTERARIO,
 NOTICIOSO E CHARADISTICO



Os originaes publicados
 ou não, não se restituem.

SUMMARIO

EVOLUTINDO
 AS NOSSAS PRETENÇÕES
 QUESTÃO ECONOMICA
 N'UM BAILE
 POSTAES
 CORREIO DA CASA
 OCCORRENCIAS
 SECÇÃO CHARADISTICA.

EVOLUTINDO...

Cá está, como promettera,
 passados 15 dias sobre a sua
 ultima apparição, o, joven

«Charadista», — apresentando
 nova catadura, — nada eroti-
 co e bastante mais atrahente
 e sympathico.

Não é assim, comtudo, que
 elle espera atravessar a sua
 longa ou curta, trabalhada
 ou prosperada existencia. O
 passo para a perfeição que
 acaba de dar, não o satisfaz
 ainda, porque o deixou muito
 to á quem da meta visada.

Não. O «Charadista» não
 fez ainda toda a jornada que
 é preciso realizar para conse-
 guir aquella forma que deve
 revestir. Por isso, tem que
 progredir mais (custe o que
 custar) muito mais.

Pode lá admitir-se que o
 nosso jornal, obra de rapa-
 zes cheios de entusiasmo e
 boa vontade é tão abarrotado
 de idéas sublimes que
 não trepidariam um momen-
 to — se esperança houvesse
 de o conseguir — em pedirem
 ao Pai do Ceo o seu pão
 quotidiano feito com farinha
 d'astros e a cosinheira ore-
 lheira guisada com alvoradas
 e cantos de rouxinoes, pode
 lá admitir-se, repito, que taes
 sujeitos, deixem crystallisar
 o seu jornal no molde im-
 perfeito em que está sendo
 vasado? Não. A etapa que
 elle acaba de attingir não é
 a ultima. O «Charadista» vai
 melhorar.

A muitos pareceria, talvez,
 bem que elle ficasse como
 está. Não nos conformamos
 e os retoques que o petiz
 acaba de goffrer e o collocam
 a boa distancia do que elle
 era hontem, são penhor de
 que os nossos propositos hão
 de realizar-se.

Do que nós precisamos,
 para o conseguir, é do favor
 dos nossos leitores. Favor
 que, se o merecermos, não

será negado e que nós deli-
 genciaremos por conqui-
 tar.



Assignem todos o
 «Charadista» e elle será
 o jornal mais lido d'O-
 var.

As nossas pretensões

São modestas, porém mui-
 to nos lixongearia a sua con-
 secussão.

Mas que pretendemos nós?
 perguntar-se-ha.

Vejam.

O «Charadista» não se
 propõe dar a ultima demão
 nos grandes problemas da
 vida moderna, que trazem
 abarbadadas as summidades,
 no saber, do nosso tempo.

Em questões scientificas
 não mettera igualmente o
 bedelho, porque embora a
 sciencia se pretenda hoje
 chegar pelo caminho ameno
 do methodo experimental,
 não se poderá de todo ab-
 trahir da methaphisica, essa
 terrivel atrophadora dos
 cerebros infantis, e o «Cha-
 radista», nascido d'hontem,
 bem, conhece o perigo a que
 iria expôr-se.

De politica não pesca pa-
 tavina; mesmo, é uma coisa,
 ao seu parecer, que anda e de-
 sanda, e o «Charadista» só
 se propõe marchar para a
 frente.

Não tentará, pois, sequer,

indireitar o mundo n'este
 ponto.

Que pretende, pois, o
 «Charadista»? terçar armas
 com todo o seu ardor juvenil
 pelo triumpho de alguma es-
 cola litteraria mal avinda
 com o seculo?

Oh! não! Isso é da alta
 cavallaria, a que não pertenc-
 ce a nossa humilde phalan-
 ge.

Rir, divertir-nos, fallar das
 illusões da mocidade, dos
 seus sonhos, das suas ale-
 grias, d'alguns aspectos da
 nossa terra, da nossa vida,
 de tudo o que nós amamos,
 e vivamente nos interessa,
 eis as nossas pretensões.

São modestas, não são?

Oh! se conseguíssemos
 realisar-as cabalmente, pro-
 ficientemente, o nosso jornal
 seria o mais amado da nos-
 sa terra, porque então seria
 o que ella tem de mais ado-
 ravel: o coração palpitante e
 ardente da sua juventude!



Para que o Charadista
 possa apparecer trans-
 formado d'um momento
 para o outro de crys-
 tida em borboleta, bas-
 ta que cada assignante
 lhe traga mais uma as-
 signatura.

E é uma coisa tão fa-
 cil!...

Questão economica

Ao meu amigo Teixeira Barroco

De todas as questões palpitantes, que não são poucas, nenhuma tem a importância d'esta. Não sei até que ponto se pôde penetrar impunemente no seio da família.

Considerado o seio como o ponto mais secreto ou mais reservado, necessita-se grande agili- dade e tacto para não levantar um protesto ao animo mais con- fiado.

O seio da família!

Valha-me Deus!... que de apostrophes Moraes se me occur- re n'este momento!...

Toda a família, considerada no seu estado economico, tem um cozinheiro responsavel, ou cozinheira; para ser eminentemente logico, o cozinheiro não faz couza alguma que não tenha immediata applicação ao esto- mago.

O homem, no pleno uzo das suas faculdades, entra no mundo com esta bandeira—viver—

O cozinheiro, no apogeu da sua gloria, entra na cozinha com es- te estandarte—comer—

Se os homens meditarem um pouco na importância d'estas bandeiras, hão-de concordar com- migo, que a primeira é uma vul- garidade.

Viver?! Que quer dizer viver?

Traduzido para boa linguagem é o mesmo que dizer—siga a dança!...

Mas comer?!... esta é a questão!

Para viver, qualquer couza é boa, mas para comer... é pre- ciso ir á praça, e aqui está a dif- ficuldade.

Gasta-se muito—diz o rico.

Ah! se eu pudesse gastar!— exclama o pobre.

Todos os dramas, teem, no theatro alguma couza de poetico... As afflicções de uma família teem uma hora de descanso—a hora de comer.

Mas ai d'aquella família que diz: N'esta caza não se accende o fogão!

Posta a questão no seu ver- dadeiro terreno, penetremos d'u- ma vez no seio da família.

O tirano pode ser um conde. Um dia depois de se enfeitar, chama a condessa e diz-lhe: Con- dessa os tempos estão maus! Os meus negocios não marcham bem, é necessario cortar as despesas... d'hoje em diante em vez de te dar 1500 reis, dou-te apenas 1000 reis (á parte) e os outros 500 reis são para os meus gastos par- ticulares.

A condessa retrai-se pensati- va, e pouco depois chama o dispenseiro e diz-lhe:

Desde hoje tem de reduzir as despesas da caza. Para a praça

não lhe dou mais do que 700 rs. (á parte) o resto é para a mo- dista.

O dispenseiro é que não pen- sou muito, porque, chamando o cosinheiro disse-lhe: Desde ho- je não lhe dou mais de 500 reis para você ir ao mercado. (á parte) o resto é para o meu pé de meia.

O cozinheiro, faz as suas con- tas, põe-se a pensar... quando entra pela porta da cozinha a gal- linheira que lhe diz:

Aqui lhe trago as boas galli- nhas do costume.

Do costume? exclama o cozi- nheiro.

Hontem paguei-lhe a 400 reis cada gallinha, mas hoje... só lhe dou 200 reis!...

Então eu hei-de perder tanto dinheiro? perguntou a gallinheira.

Não... queres talvez que perca eu...

A mulher vendeu, mas no dia seguinte voltou, com uma gallinha atacada de gôgo, que nem de graça eu a queria e ven- deu-a por 200 reis ganhando assim dinheiro.

Assim estão todos contentes e satisfeitos do seu talento eco- nomico, mas chega a hora de comer....

E... esta é a questão—comer ou não comer!

Não se pôde suprimir o thea- tro lyrico, nem o vestido novo, nem abandonar o pé de meia, nem dispensar o creado, nem o cozinheiro.

Tudo ficou de pé! Só a galli- nha cheia de gôgo foi que cahiu, para ser comida com uma satis- facção indescriptivel!

Porto

Noemia.



Assignem todos o "Charadista" e elle se converterá n'um jornal á altura.

N'UM BAILE

Certo padre já velhote Mas um padre honesto e são Foi um dia convidado Para uma reunião.

Quando entrou já muitas damas, Bem á mostra os brancos seios, Descançavam d'uma valsa Em que deram mil rodeios.

D'entre tantos convidados, Cavalheiros e donzellas, Ninguém dêra pelo padre, S'nhor Reitor de Rabadellas.

E o bom padre, despeitado, Para chamar a attenção, Pitadeou, tossui, fungou E escarrou em pleno chão.

Logo todos se voltaram.

—Que vergonha Deus do Ceol! Alvos hombros, seios brancos... E tudo isto andar ao léol!—

Em seguida, olhando ainda, Diz alguém que estremeceu E que, todo encavacado, Foi procurar o chapéu.

Mas um creado que o vira Foi a dize-l'o ao patrão, Que, por mēra cerimonia, O procura e diz então:

—E' tão cêdo s'nhor Reitor!

Porque se não deixa estar?

—Vejo as damas quasi nuas

Talvez se queiram deitar.

E enquanto aquelle se ri, Julgando o abade um ratão, Este funga, tosse e escarra, Sem c'rimonia, em pleno chão.

TARIK.



POSTAES

Ao abrir esta sec- ção declaramos que, com o maior gosto da- remos publicidade a to- dos os pensamentos que nos sejam enviados n'um simples postal. O indis- pensavel para a publica- ção é que taes pensa- mentos sejam decentes, bem formulados, digam alguma coisa e tragam a as- signatura do auctor em- bora tenham de sahir com pseudonymo.

A redacção guarda se-

greto.

Esta secção abrirá em duas partes: uma pa- ra postaes femininos e outra para postaes mas- culinos.

Agora está na mão dos nossos presados cor- respondentes dos dois sexos, aformoseal-a com as encantadoras mani- festações dos seus ta- lentos.



O "Charadista" fran- queia as suas colum- nas a todas as gentis senhoras que o quei- ram honrar com a sua collaboração.

Correio da casa

Plutão—A «Noite de Natal» é muito extensa e está inçada de muitos senões, que é preciso cor- rigir.

Por exemplo: pequena aldeola não se deve dizer, nem pequeno logarejo.. Porque será fazer das coisi- nhas pequeninas, muito pequer- ruchichinhas.

A sua linguagem é, além d'is- so, muito derramada e sem alma.

Qualidades intoleraveis para os nossos jovens leitores.

Enthusiasme-se, mostre que tem sangue vivo na guelra. O sr. pode dar alguma coisa.

Mande-nos artigos curtos... mas não de vista. O jornal é pe- queno. Não o façamos grande... na maçada.

Figueiredo Junior—Nós queremos ver se fazemos alguma coisa do nosso jornal. Para isso contamos com o favor de todos: assignantes que, lendo-o, nos animem a proseguir no nosso in- tento e collaboradores de bôa vontade que trabalhem por nos ajudarem com produções de aj-

gum valor.

Para isso é preciso pensar bem o que se escreve e nunca tratar assumpto de que não estejamos inteiramente possuídos. Mas ainda isto só não basta. Depois de escripto o seu tratado é necessario lê-lo com a mão na consciencia e ouvir o seu veredictum a respeito do nosso trabalho. E depois... ter a coragem de o rasgar no caso de a voz intima da consciencia lhe negar valor, e a constancia inseparavel da boa vontade de chegar ao mais perfeito, para recommençar.

D'estes é que nós queremos ao nosso lado: nós e os nossos assignantes.

E Figueiredo Junior? não desejára ser um d'elles?

D'esta vez a sua chronica não serve; mas não desanime. Trabalhe. Escolha assumptos não muito vastos.

Olhe para a sua mão. Tome coisa que possa abranger.

Depois a sua linguagem nada segura, sem firmeza, muito desigual é fria e sem graça.

E' preciso que o sr. lhe communique mais vida, e vigor. Sem isto não ha escripto que preste.

Tarik—Tem as esporas de cavalleiro. E' preciso que nos visite muitas vezes com os seus bons escriptos. Mas faça como o rouxinol: lindas canções ditas em pequenos follegos. Não falte. Ainda que a musa reclame os seus ocios.

Necessitamos de pessoal graduado para regalo dos leitores e intrucção dos novatos, que os ha e muitos, nas nossas fileiras.

Os seus versos—«Num Baile»—são quasi magnificos.

Mas olhe lá: aquella supressão do e em senhor e outras assim aconselhamol-o a que as evite. O saudosissimo e distinto litterato Alfredo Serrano, dizia que estas liberdades são inadmissiveis na escripta quando na pronuncia se não dão. Ora ninguém diz s'nhor, que é por signal até, mui ingrato ao ouvido. Mas já se diz esp'rança, etc.

N'este caso, acrescenta o citado escriptor, não é defeito, pelo contrario se deve escrever a palavra sem eliminações, com todas as lettras, considerando-se, não obstante, o verso bem medido.

Em resumo: evitar supressões duras, falsas, porque na realidade são impossiveis sem lesarem a harmonia do verso e não fazer mesmo aquellas que na pronuncia se dão com a maior naturalidade.

Rei Pum (Arcos)—Alguns dos versos da sua poesia—Um bouquet—estão errados e toda ella não rescende a bouquet... na sua estrutura artistica e grammatical.

E a norma que d'ora ávante havemos de seguir é esta: não publicar nem versos mal medi-

dos, nem poesias mal engendradas.

A Poesia é uma creação artistica. E quer ver como aos seus versos não convem tal defenição em sentido altissimo? Ah! vai a primeira quadra:

Offereço um ramo de flores—8
às gentins e bellas senhoritas,—40
que traduz as mihas dôres,—8
junto ás almas tão catitas—8

Cebolario! dirá o sr., nem metro, nem grammatica e ainda por cima gallicismo!

E' como canta.

Mas será isto motivo para **Rei Pum** desanimar?

Longe d'isso. Dos fracos não resaa historia, Continue a porfiar... a ver se nos manda coisa que sirva.

Noemia—Este nome traz-nos á lembrança o d'aquella formosura biblica, que, inconsolavel na sua tristeza, pedia ás amigas que não lhe chamassem Noemi, isto é, formosura, mas sim *amara* que quer dizer amargurada.

E' uma das paginas mais ternas do livro sagrado aquella onde apparece nome tão doce!

Comtudo, apesar de a nossa Noemia ser outrem que não a Noemi de que falla o livro de Ruth, esperamos, e pedimos, nos mimoseie sempre e em tudo com o favo dos seus conselhos. Ouviu?

Mande-nos alguma coisa para cada numero, sim, mas não esqueça dirigir-nos palavras de salutar censura, ou encitamento conforme o merecermos.

Augusto da Cruz—Appareça a miúdo. Escreva artigos pequeninos. Pequenos e vigorosos.

A prolixidade é inimiga da energia. Quando a seiva é pouca. O sr. tem talento; mas exagera bastante. E' um grave defeito de que Olive corrigir-se, quanto antes, a ver se não contrae o habito.

As «Notas Ligeiras» deixam de ser veridicas, devido a affirmarem demais. E' mesmo um artigo tão diffuso, que só poderia tolerar-se... para não ser fulminado por apoplexia de ideias. O sr., ao escrevel-o.

Otsenre—Estende-se muito no seu artigo, percebe? Se fosse mais curto talvez lhe podessemos ser agradaveis. Porque não se repetiria tanto, daria mais reata ás

suas ideias, estas seriam melhor coordenadas, e o todo mais bem urdido, mais artistico, arredondado, mais per feitos.

Corrija os vãos desordenados da imaginação e appareça com produções mais reduzidas.

A questão não é de quantidade. O pouco e bom agrada-nos tanto!...

A TODOS os nossos collaboradores: O «Charadista» não publicará produções que não venham assignadas pelos seus auctores. Perante o publico poderão apparecer mascarados com pseudonymos, mas a Redacção não consente, aos seus collaboradores, que lhe occultem os seus verdadeiros nomes.

Isso importa não fazermos caso de todo o artigo que nos mandem.

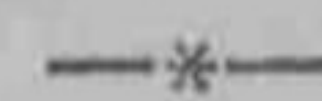
Quanto a guardarmos segredo, nem a propria maçonaria nos levará as lampas. Nada receiem, pois, a tal respeito.



Pedimos aos nossos leitores que propaguem o nosso jornal entre os seus amigos.



Occorrencias



Passou no 1.º de janeiro o 12.º anniversario da sua instituição, a Humanitaria Associação dos Bombeiros Voluntarios d'Ovar. Celebrado, como de costume, com manifestações festivas. Recita theatral em beneficio do cofre da mesma.

Na estação do material descerramento d'uma photographia do seu benemerito Manoel M. Barbosa Brandão.

A banda dos Bombeiros Voluntarios, que distinctamente se de-

sempenhou de parte musical dos seus festejos, estreeou uma linda bandeira.

A LADROEIRA assalta-nos por toda a parte.

Na mercearia com os indirectos, na rua em casa. Legal e illegalmente. A's escancaradas ou noescura da treva, ella cerca-nos e, ai de nós! empolga-nos os tresuados haveres.

Agora foi uma quadri-lha que pela noite morta tentou roubar o honrado ourives d'esta villa sr. José M. Gomes Pinto, furando-lhe a cinzel e martello uma das paredes do sou estabelecimento. Mas, presentidos já no cabo da sua faina de arrombar, nada poderam subtrair.

Cautella, que "elles" andam á solta. E sem ferrete nas fronte erguidas!...

—LA' fóra, na Italia, mesmo ao findar do anno velho, um terremoto violentissimo causou em meio minuto 200:000 mortos!

N'esse curto espaço de tempo fóram destruidas cidades, cada uma das quaes nem cem annos logrará reconstruir-se!...

Assim, só um d'aquelles cataclismos cosmicos das epocas diluvianas!

Pae do ceu!...



Aos charadistas

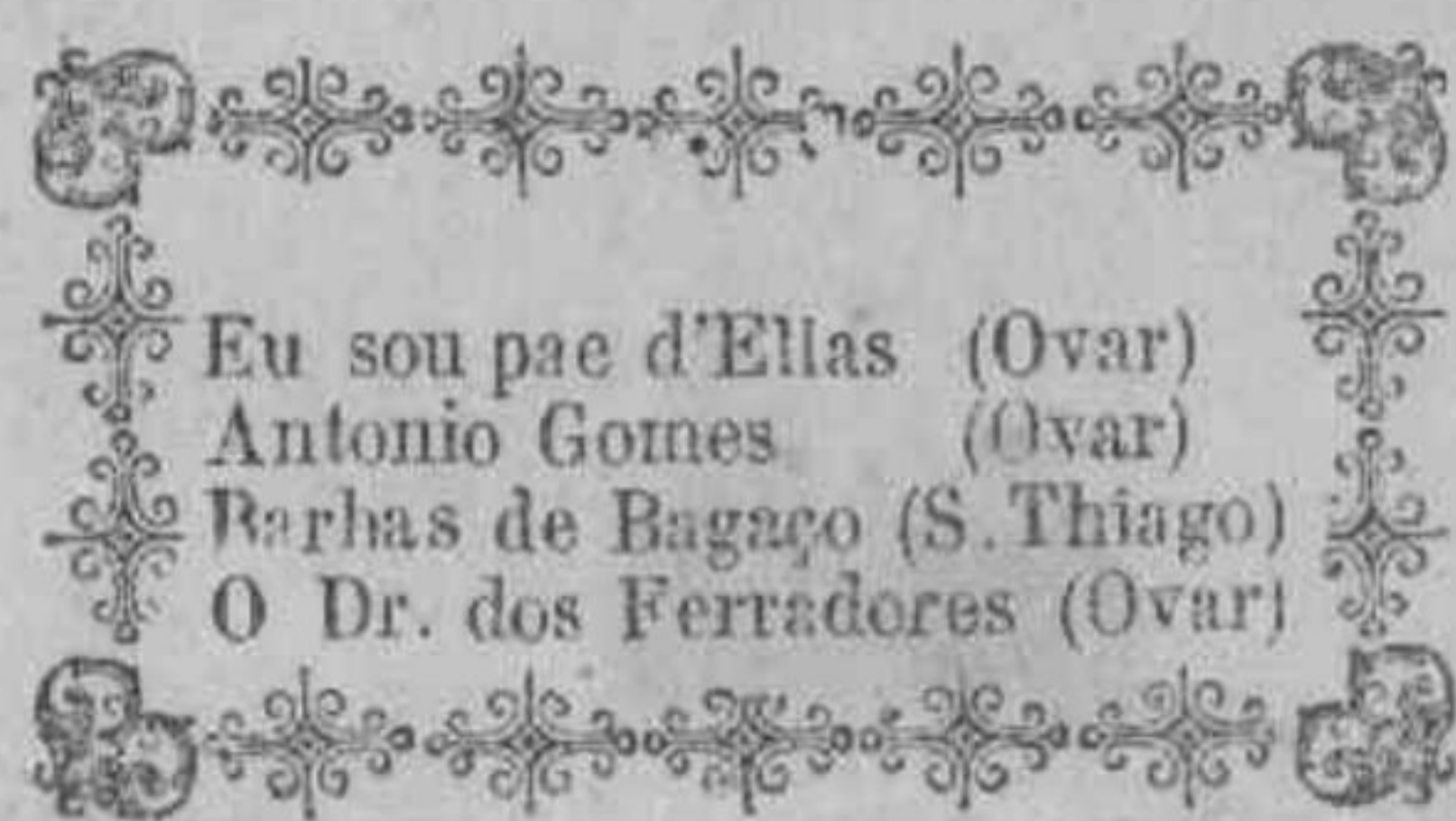
Todas as charadas que não tragam a decifração não se publicam.

O Charadista



Secção charadística

QUADRO D'HONRA



Decifrações do numero 27:

Do logogripho—Sê bem vindo senhor. Em phrase—Aduana, Gira-sol, Pangani, Rodoguna, Bellites, Coronada, Sorota, Baracouto, Americo, Polea, Trápola, Pagano, Amorosa, Fafe Amo, reira, Ilhavo, Salvé Anthero Magalhães. Dystro e Demanda.

Decifradores:

Eu sou pae d'Ellas, Antonio Gomes, Barbas de Bagaço, Dr. dos Ferradores, todas. Eu e Tu, 5. Peneira, 4. O Zê sem nada, 4 e o Bollinha 4.

Acrosticos

Em retribuição ao meu amigo A. A. Veiga o (Fuinha)

..F..
..A..
....F..
.....E...

Terras portuguezas

Ovar A. Gomes
(Em retribuição ao meu illustre Collega)

M....
..I....
..U....
..N....
.....C..
A.....

[Nomes de homens

Ovar Americo.

Charadas em phrase

Dedicada ao meu amigo Eurico de Souza

Immediatamente está despido, com o artigo, no Douro este homem 1-1-1-2.

Dedicada à menina Ilda dos Santos Lima

A Feira e a dhalla estão n'esta terra portugueza 2 1

Ao meu amigo Manoel Rosas

Não é boa em Avelro esta mulher, 1 2

Ovar, A. Gomes.

Ao collega E. de Souza

O instrumento do irmão do Telmo só serve para cortar o tecido 2 1

Portalegre João da Cidade.

(a Joleba)

Deus! Ella chorava, porque lhe roubaste a corôa de flores!-1-3

O vento corre para o que é publico-2-2

Porto Republica

Engole com sentimento o bo-
cb. 2-1

Nota, nota a bagatella que aperta o frade. 1-1-2-1

Na comida que traz poeira, dá-se uma pancada.-2-1

Porto E. de Souza.

O leito d'este animal é um dormitorio-2 2

Porto Carlos Franc

Charada epenthesada

(Ao amigo Litras)

Esta medida é só usada na

cidade da França 2 3

Invertida por letras

(Ao Faneca)

Arbusto da India 5

apheserada

(Ao meu amigo Achaf Ollerua)

Todo o calçado deve ter uma presilha—3 2

apocopada

O bisavô de David só comia canna de assucar do Japão 2

homonymica

O vaso está na embarcação 2
Portalegre João da Cidade.

augmentativas

Este legume vale uma moeda de Calicut 2

Veja lá se offende esta ferida! 2
Disputa o telmoso 2

S. Thiago, Barbas de Bagaço.

(Ao Trigueiro de Aveiro)

Da serra brasileira precipitou-se um beverão 3

Portalegre João da Cidade

Novissimas

Eu sei quem tem nectar n'uma vasilha para offerecer ao sobrinho do Papa 1 2

Anota marginal do labeu vem sempre do embustelro 2 2

O estímulo que sente o poeta de Ovar, apenas serve para fazer más trovas 2-1

S. Thiago, Barbas de Bagaço

Alrico novissima

Da pasta a que se reduz m os alimentos no estomago de snita

uma inflamação das palpebras que só se cura na E r ja 2 1

Porto E. de Souza.

Metamorphose

Em retribuição ao illustre collega Fuinha

O filho de Deidamia adorou sempre este insecto. 2 (P-B.)

Arcos, Rei Pum.
methatetica

Ao illustre collega Aurofiju

Dolo-2
Portalegre João da Cidade.

typographicos

Nota Dia

Portalegre João da Cidade

Pergunta enigmatica

Com que se parecem os portuguezes com os cães?

Porto Carlos Franc.

Massadas geographicas

Formar o nome d'uma terra portugueza com as seguintes letras.

AFRAM

Ovar, J. d'Almeida

Formar o nome d'uma terra portugueza com as seguintes letras:

RAIFE

Ovar Fuinha.

Formar o nome d'uma terra portugueza com as letras seguintes:

MÂE SURGIA

Ovar Fuinha.

MACHINAS DE COSTURA

As machinas de costura «Original» de Frister e Rossmann, rivalisam com todas as outras. Ha tambem machinas SINGER e accessorios para as mesmas, a preços muito resumidos.

Unico depositario em Ovar—Americo Peixoto

Concertos gratls a todas as machinas compradas n'esta casa

Officina de Carpintaria e Marcenaria

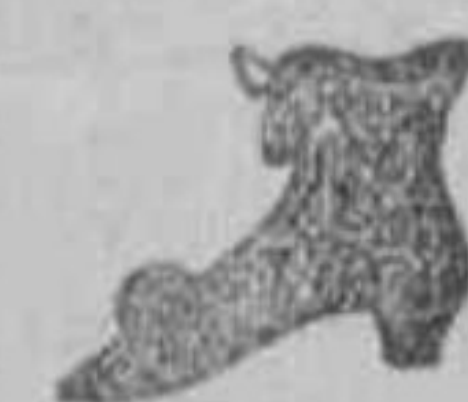
de

José Rodrigues Faneco

Rua dos Ferradores-Ovar.

Polidor de moveis

Laureano José de Faria, encarrega se de qualquer obra concernente á sua arte.—Rua da Graça Ovar



Officina de calçado

de

João Pereira de Mendonça

Largo da Poça—Ovar.